



GUILHERME D'AZEVEDO

A sociedade dos jornalistas e escriptores publicos contava hontem ás tres horas da tarde trezentos e quarenta e oito associados. Uma grande parte d'estes trezentos e quarenta e oito cavalheiros não recreiam talvez superiormente o publico com as suas produções, mas recreiam-se de certo a si mesmos, e é quanto basta. São os divertidos das letras.

D'essa totalidade dos escriptores de Lisboa exceptuam-se alguns que, se um dia se reunirem á parte, poderão formar entre si — não diremos uma nova corporação, porque não chegam para isso — mas uma *poule* ao bilhar. Não passam de uns seis ou oito, que, vivem nas letras como n'uma clausura, para os quaes a escripta é uma religião, que fazem da perfeição um culto, uma preocupação exclusiva, o interesse superior da existencia, o destino da vida. São os atormentados.

*
* *

Guilherme d'Azevedo pertencia a esse pequeno grupo de infelizes, encarregados pelo seu temperamento e pela sua sorte de cultivarem pela applicação de todo o seu ser, pelo sacrificio de toda a sua vida, nos contactos hostis da multidão grosseira, o delicado fructo da arte, o doce balsamo de todas as consolações do espirito, a immaculada flôr da alegria.

Durante dez annos consecutivos elle fez sorrir Lisboa todas as semanas, quasi todos os dias, arrancando de cada facto da nossa existencia de paiz decadente, mandrião, aborrecido e enfadado, o commentario comico, espirituoso e vivaz, que silvava no ar como uma flecha luminosa, fazendo saltar do alvo ferido a bella nota rutilante de uma bandeira ao vento.

No meio do cantochão arrotado pela semsaboria patria n'uma sociedade flatulenta e funebre, elle entoava á bocca da scena o risonho *couplet* malicioso, desenrugando a catadura bos-sal da galeria, como um leve tempo de valsa apontado por um violino para começar o baile.

Todos aquelles que conhecem um pouco o officio de escrever sabem que enorme esforço, absorvente e desfibrante, precisa de empregar um escriptor sobre todos os artificios da linguagem, sobre todos os meios de stylo, sobre todos os poderes da palavra; para conseguir este effeito: — fazer rir em cada dia uma pouca de tinta posta sobre um pedaço de papel. Que somma de trabalho tecnico exercido infatigavelmente na mais difficil e na mais rebelde de todas as artes! E, depois, que abandono heroico de si mesmo, que abnegação, que esquecimento sublime das proprias amarguras, dos desalentos, das tristezas pessoases!

Hoje que a litteratura deixou de ser um *pas-satempo* academico para se converter n'uma das grandes molas do movimento social, todo o escriptor que aspira a ser lido tem de trabalhar para esse fim oito ou dez horas por dia. O chronista, o romancista, o folhetinista moderno é um condemnado á prisão cellular por toda a vida, é um monge, um beneditino, tão rigorosamente preso ao claustro pelos deveres da arte como o seria pelos votos da religião.

Guilherme d'Azevedo trabalhava sempre, constantemente, ininterrompidamente. Tinha habitos errantes. A immobildade do corpo paraly-sava-lhe a actividade cerebral. Para produzir, para crear, para ter a visão e para trazer depois a imagem dos limbos da primeira concepção até á realidade artistica, precisava de sair á rua, de olhar para as lojas, de percorrer os jardins publicos, de se sentar nos cafés, d'entrar nos theatros. Mas não era para elle que os grupos dos *ratés* discutiam arte ou discutiam politica ás mesas do botequim ou do restaurante; não era para elle que a prima-donna em voga gorgeara a romanza em applauso; não era para elle que o tenor se convertia em Lindoro, arrojando a capa, sacudindo os anneis da guedelha, avançando o pé afiambrado em setim, e erguendo aos ceus o seu olhar de imbecil; não era para elle que bailava o baile, que symphoninava a orchestra; não era para elle que o sol luzia no ceu e que as coto-

vias cantavam nos jardins entre as flores dos lilazes. Porque para esse forçado da escripta de cada dia todas as coisas do mundo eram apenas perceptíveis n'este ponto de vista exclusivo:— serem ou não serem assumpto d'artigo.

*
* *

E desde que elle achava o assumpto, principiava logo, mentalmente, a elaborar o artigo, fechado em si mesmo, recluso no seu *veston* como nas profundidades de um carcere, alheio a quanto se passasse em torno d'elle, respondendo por monossyllabos abstractos, aos que o interrogavam, até que, de repente, d'onde quer que estivesse, desaparecia n'uma viravolta para ir escrever de fugida, a um canto, sobre o primeiro papel que lhe apparecesse, o artigo feito de memoria.

Nenhum outro escriptor portuguez teve ainda como Guilherme d'Azevedo o talento do miniaturismo, a faculdade privilegiada de tratar mais largos assumptos n'um pequenissimo *croquis*, de reduzir o objecto de quatro columnas a quatro linhas, a uma formula, a uma simples legenda, e ás vezes a uma unica palavra. Ninguem como elle sabia dominar a phrase, submettendo-a inteiramente, e ajustando-a a todas as expressões de que é susceptivel a linha sob os caprichos do lapis mais imaginoso e mais rico.

*
* *

Os leitores do *Antonio Maria* a quem Guilherme d'Azevedo deu tantas obras primas de graça de bom senso, de bonhomia e de jovialidade, soffrem uma perda irreparavel com a morte d'elle, que hoje commemoramos.

Aquelle que ha cerca de dois annos substitue n'esta folha o seu fundador litterario nunca teve a pretensão de lhe succeder, e tem aqui procurado apenas, por um dever de solidariedade, defender interinamente um posto, que um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo elle julgava ter de ver outra vez occupado por quem tão brilhantemente o creou.

Entre Guilherme d'Azevedo e o escriptor que o tem substituido na redacção d'este periodico a differença é enorme. Com os mesmos fins d'arte, Guilherme d'Azevedo é o seu substituto são dois escriptores inteiramente diversos, de temperamento opposto. Guilherme d'Azevedo tinha todas as virtudes cujos defeitos contrarios são representados pelo que faz as suas vezes. Elle era um modesto, o outro é um soberboso; elle era um conciso, o outro é um discursador; elle era um delicado, o outro é um violento; elle era um sociavel, o outro é um incompativel; elle tinha sympathias e mais que ninguem merecia tel-as, o outro tem aversões e deseja conserval-as; elle emfim tinha a graça, o outro tem apenas a convicção.

Infelizmente Guilherme d'Azevedo não voltará mais.

A morte surpreendeu-o em plena força da idade e do talento no meio d'esse Pariz que elle tanto amava, na estação em que mais custa a morrer, na primavera em que toda a natureza revive e em que a arte parece reviver com a natureza. É o tempo em que se abrem as exposições de pintura e d'aquarella; os paisagistas partem para Fontainebleau calçados em grossos sapatos ferrados, com os cavalletes ás costas afivelados por cima das mochilas; as rebecas começam a afinar para os concertos dos Campos Elyseos e para os bailes campestres do Vesinet; as primeiras *pâquerettes* estrellam de flores brancas o *turf* de Longchamps; reverdecem as acacias no Bois de Boulogne, onde os gamos atravessam de um pulo as avenidas, estremunhados pelas

amazonas madrugadoras que galopam na frescura da manhã embalsamada da floresta; vasos de resedas embrulhados nos seus cartuchos de papel sobresaem dos festões dos jornaes e das revistas nos kiosques do boulevard; e alegres cabazes em que a tealha branca descobre o gargalo da garrafa lacrada de verde partem em cada domingo pelos comboys de recreio ou pelos vaporsinhos do Sena para se abrirem ao jantar sobre a herva de Vincennes, de Bougival e de Montmorency.



Foi essa festa que Guilherme d'Azevedo atravessou pela derradeira vez no dia 8 de abril, sahindo da Maison Dubois, onde fallecera, para ser levado por alguns amigos piedosos para o pobre cemiterio de Saint-Ouen, onde vae começar a vicejar para elle a boa flor dos tumulos chamada esquecimento.

Não voltará mais. O Chiado não tornará a vel-o passar ás quatro horas da tarde. No jornalismo portuguez não tornará a voejar, ridente

e alada, a ironia do seu fino stylo. E no Vâlle de Santarem, pelas ferias, não tornará a atravessar os campos aquelle que ahí escreveu os bellos versos da «Alma Nova» *na fragancia dos trevos e das flores selvagens*.

Mas, pelas paginas do *Antonio Maria*, Guilherme d'Azevedo sobreviverá a si mesmo na estima e na gratidão do povo, com quem tão liberalmente repartiu a sua alma, consolando-o e enobrecendo-o.



HISTORIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,
De espadua larga e-rija; um ceifador gentil.
Cavava todo o dia, andou sempre contente
E a feria dava á mãe sem falta d'um ceutil.

Elle amava a campina e os ceus largos, serenos.
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fênos,
Na fragrancia do trêvo, ao pé dos cães fieis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:
N'um cerro agreste e vil alguns palmos de chão.
E tinha ainda mais não sei quantas creanças
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pae mal se sustinha ás vezes sobre as pernas:
Era bebado e mau, batia na mulher;
E á noite, ao scintillar dos vinhos nas tabernas,
Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,
Esplendida, gentil, sabendo-se sorrir,
Reparou no rapaz; achou-lhe própria a idade
E fez-lhe um certo gesto: — o moco não quiz ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excellencia.
Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!
Despediu-se dos seus: devia obediencia
Á senhora gentil que se chamava... a Lei!

Pegou no velho alforge e no bordão nodozó
E metteu-se a caminho. Os pobres dos irmãos
Choravam á partida: — um quadro doloroso!
A mãe louca de dôr torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram
Primeiro foi medido e todos a final,
Depois de bem revisto, á uma, concordaram
Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aquell'outra senhora, astuta, grave, terna,
— A ordem — jubilava em doces pulsações!
Contava mais um servo, um filho, na cazerna,
Gastando pouco mais: — uns cobres e uns feijões!..

Agora quando passa o batalhão luzente
Na rua, podeis ver o pobre cavador
Com modos imbecis, marchar pesadamente
— Heroe por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!
Perguntem-lhe o que é patria e liberdade e lei!
Caminha simplesmente ás ordens dos prebostes
Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva
O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;
Alguns pequenos nus rolando sobre a herva,
E um ebrio que pragueja e não pensa em ninguém!

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bella:
Emquanto na campina alouram os trigaes,
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinella:
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

Em breve elle virá de jubilo e d'assombro
Encher tua alma, em fim, quando amanhã voltar
Com seu velho canudo, a trouxa posta ao hombro,
Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

E tu perguntarás: o que é meu filho; é ouro!!
A quantas guerras foste? ó ceus, como tu vens!
— Mãe tome essa lata! esconda o meu thesouro
E deixe-me ir dormir no fêno ao pé dos cães!

EXTRAMIDO DA ALMA NOVA

Paris 15.

Rogues

Facsimile d'uma carta

gan p.^a atracção e mundo, bem-
taia-nos. Es toda para o provinciano
de Lisboa para a ser uma ab-
cineas!

Entrei no grandes

Boulevards e principi a encontrar to-
do os meus antigos conhecidos
de nome: a Opera, o Café Riche e
Portier, o Palais Royal, o Louvre,
etc. Fui direito ao Boulevard St.

Clément na margem esquerda sem
me ser necessario pedir a mais leve
informação. É simples de percorrer
Paris pela manhã e sobretudo a
camomilla surprehensiva ao acordar.

Logo qual for a opinião que a
Europa cordata forma d'ella e...
uma grande cidade, com immenso
espírito e immensa hygiene. Quando
acorda um se lhe veem olheiras.

Chou e tarde e sobretudo
a noite Paris já não é a mesma
coisa. O Boulevard amaga; os cristaes
e o vendalho de que os framizes abas, giving a fim de verificar se aquelle

Por em quanto tendo conhecido
a. percorrer o Paris exterior. Estive
tambem no Admiral onde ouvi
a Bonnaire que é uma celebridade
do café tal qual como Rochefort
a é do Boulevard. Fui já ao Bon-
tier, baite curiosissimo de ouvir talis-
mo, onde mit cancanistas galopam
vertiginosamente das 9 a meia noite.
Vae lá muito gente p.^a fazer estudos,
especialmente ingleses graves acompa-
nhados de suas familias, com uma tenue
irreprehensivel. Da quando em quando
uma cancanista dá um pontapé pe-
nabulencia no chapeu de inseto, ja-
gindo-o ir parar a 40 metros de dis-
tancia. O inseto abas gravemente o seu
giving a fim de verificar se aquelle

cayo sem prejuizo. dele regista-se today

as noites. Finto-me em plano cari-

catena de Roda: os charbon d'elle

são simplesmente copia de mit

mulheres que em dias de pouca con-

vencencia são as Bordie.

Julien Engsted